

Fernando Esteves

JORGE COELHO

O TODO-PODEROSO

A INFLUÊNCIA NOS BASTIDORES DA POLÍTICA.
OS NEGÓCIOS POLÉMICOS. O CANCRO
QUE QUASE O MATOU.

a esfera  dos livros

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	11
PRÓLOGO	19
CAPÍTULO I	
A nova mascote	21
CAPÍTULO II	
Folia em Mangualde, rumo à política	37
CAPÍTULO III	
A nova vida em Lisboa	49
CAPÍTULO IV	
O caminho em direcção ao PS	69
CAPÍTULO V	
O sonho asiático	87
CAPÍTULO VI	
Um novo xerife chega à cidade.	107
CAPÍTULO VII	
As peripécias nos bastidores do poder	135
CAPÍTULO VIII	
Sobreviver a um governo suicida	189

CAPÍTULO IX	
«A culpa não pode morrer solteira»	209
CAPÍTULO X	
A entrada no mundo dos negócios	225
CAPÍTULO XI	
Preparado para tudo – menos para morrer.	233
CAPÍTULO XII	
A Casa Pia e os dramas do partido	245
CAPÍTULO XIII	
O mergulho na maçonaria.	259
CAPÍTULO XIV	
A última batalha	265
CAPÍTULO XV	
«A vergonha é não ter vergonha»	269
EPÍLOGO	285
ANEXOS	
1 – A loja maçónica de Jorge Coelho	289
2 – O relatório explosivo sobre a Universidade Moderna	291
3 – O ritual de iniciação de Jorge Coelho na Maçonaria.	299
NOTAS.	317
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	333
ÍNDICE ONOMÁSTICO	337
AGRADECIMENTOS	345

INTRODUÇÃO

Quando, em Julho de 2008, informei Jorge Coelho de que me preparava para escrever a sua biografia, ele respondeu-me com uma interrogação: «Uma biografia sobre mim por que motivo? Não tenho importância para isso, meu caro amigo!» À mesa do restaurante Vela Latina, acompanhado pelo meu colega e amigo Vítor Matos, que a meu pedido organizara o encontro, argumentei com três factos incontestáveis: que ele era um dos políticos portugueses mais visíveis das últimas duas décadas; que os bastidores da sua influência na tomada de algumas das decisões que mais marcaram o destino recente do país estavam por revelar e, finalmente, que a sua vida pessoal era uma incógnita para a maioria dos portugueses.

Disse-lhe ainda que se tratava de uma biografia não autorizada, no sentido em que não projectava escrever a sua história «oficial». Isso significava, entre outras coisas, que estaria fora de questão mostrar-lhe previamente o livro antes da publicação, para aprovação. E que, independentemente da sua eventual colaboração, seria dada voz a outros protagonistas, que poderiam não partilhar a sua visão dos factos históricos – como aliás veio a acontecer em diversas ocasiões. Depois de me ouvir atentamente, Jorge Coelho, que vivia na altura a ressaca da enorme polémica criada pela sua nomeação para CEO do grupo Mota-Engil, sentenciou: «Sendo assim, diga-me como posso ajudá-lo.»

Desde então, concedeu-me cerca de duas dezenas de entrevistas durante cinco longos anos. Nunca, em nenhum instante, pretendeu

influenciar, directa ou indirectamente, o curso do meu trabalho. A sua generosidade foi total: gravou depoimentos em aviões, durante as viagens que fazia ao serviço da Mota-Engil para os quatro cantos do globo, forneceu-me os contactos de amigos pessoais e chegou ao ponto de me recomendar conversas com adversários. Imagino que a dada altura, ao ver o tempo passar sem que o livro ficasse concluído, tenha duvidado da sua publicação. Apesar disso, nunca se mostrou incomodado – e tinha motivos de desconforto, uma vez que me concedera mais de quarenta horas de entrevistas, tempo que roubou à sua vida pessoal e profissional.

Antes de se decidir avançar para uma obra deste cariz, há uma pergunta que deve ser feita: por que é que ela é importante? No caso de Jorge Coelho a resposta é evidente: no exercício das funções que ocupou na estrutura do Partido Socialista e no Governo, condicionou decisivamente a história recente de Portugal e dos portugueses. Teríamos um país diferente se Jorge Coelho nunca tivesse existido – de quantas pessoas se poderá dizer o mesmo? O seu papel foi fundamental para que António Guterres se tornasse primeiro-ministro de um Governo que, entre outras coisas, inventou o Rendimento Mínimo Garantido e carimbou a adesão de Portugal ao Euro. Também foi ele quem verdadeiramente decidiu que José Sócrates sucederia a Ferro Rodrigues na liderança do PS, depois de este ter substituído, também por influência sua, António Guterres aquando da sua demissão. Se em 2004 Jorge Coelho tivesse apoiado António José Seguro (que colocou a hipótese de avançar contra Sócrates), Portugal seria outro – nunca saberemos se melhor ou pior, mas certamente diferente.

Jorge Coelho foi ainda protagonista da mais mediática das transferências de políticos para o sector empresarial nas últimas décadas. A sua entrada na Mota-Engil, empresa com quem acertara contratos milionários enquanto ministro, valeu-lhe críticas de todos os quadrantes – até dentro do PS, onde ainda hoje é venerado pela generalidade dos militantes. Outro político qualquer provavelmente passaria incólume se fizesse o mesmo. Já tinham decorrido sete anos desde que, em 2001, abandonara o Governo na sequência da tragédia de Entre-os-Rios. Mas Jorge Coelho é Jorge Coelho e a bitola aplicada aos outros não lhe serve. Porque ele é diferente. E é diferente porque tem – ainda tem – muito poder.

A escolha do título do livro resulta exclusivamente da constatação desse facto. Jorge Coelho é muito poderoso – e isso não é ilegal. Nada tem a ver com o seu tão noticiado envolvimento em esquemas de favorecimento a empresas, com a eventualidade de ter mantido relações promíscuas com empreiteiros ou com qualquer agressão moral que possa ter protagonizado. A realidade é que, apesar das numerosas notícias e comentários sobre os seus supostos «desvios de conduta», Jorge Coelho nunca foi sequer constituído arguido em qualquer dos processos em que o seu nome foi publicamente mencionado. No mais conhecido de todos – o do célebre tabuleiro de xadrez que lhe teria sido oferecido por Américo Santo, um conhecido construtor de Cascais – foi alvo de uma busca domiciliária. A polícia, que recebeu com a bonomia que o caracteriza mesmo nas situações mais complicadas, nada encontrou. Aos olhos da Justiça, Jorge Coelho é um cidadão inocente. Durante as conversas que mantivemos sobre os casos polémicos aos quais o seu nome foi associado, manteve sempre uma calma invulgar. Não deu murros na mesa, não espumou, não gesticulou.

As únicas situações em que se emocionou surgiram quando falou de dois dos episódios mais marcantes da sua vida: o cancro que lhe diagnosticaram em 2003 e a morte da sua mãe no início de 2013. O relato da sua luta contra a doença, construído com base nos seus depoimentos, nos da sua família e dos profissionais que o acompanharam, foi o que mais me surpreendeu durante todo o processo porque revelou um Jorge Coelho desconhecido: um homem frágil, deprimido, isolado e com medo, que é resgatado para a vida pela medicina, pela família e pela sua enorme vontade, manifestada já quase no fim da linha, de viver. A morte da sua mãe marca aquele que terá sido o dia mais triste da sua vida. Rosa era a sua maior amiga – Jorge Coelho perdeu tragicamente o pai quando tinha apenas seis anos. Pela importância que representa na sua vida, elegi esse momento para colocar um ponto final numa biografia que optei por construir fundamentalmente a partir dos relatos directos de cerca de 70 pessoas que entrevistei, algumas em várias sessões, como foi o caso da sua irmã Teresa, com quem gravei 12 horas de conversa. A última entrevista que fiz foi a António Guterres, já o texto final estava entregue na editora. Depois de muito tempo de resistência em colaborar, o maior amigo político de Jorge Coelho tomou a iniciativa de me contactar para também ele dar o seu testemunho. Valeu a

pena reabrir o livro para incluir as suas impressões, mas também para o ouvir dizer que não descarta a possibilidade de ser o candidato do PS às presidenciais de 2015. A citação exacta é esta: «Não quero ser candidato mas não faço juras eternas; há sempre uma probabilidade, mesmo que mínima, de isso acontecer.» Em politiquês, trata-se de uma afirmação que é tudo menos inocente.

Os bastidores dos Governos liderados por António Guterres são um dos maiores destaques do livro. Falando com os protagonistas – ministros, secretários de Estado, assessores, deputados, militantes de base – foi possível reconstituir aquele período histórico, nomeadamente todas as polémicas, conspirações e jogos de bastidores que ensombraram a governação, sobretudo a partir do último terço do primeiro mandato.

Outro tema que é tratado em profundidade é a passagem de Jorge Coelho por Macau, onde começou por chefiar o gabinete de Murteira Nabo e acabou como um dos mais importantes membros do Executivo liderado por Carlos Melancia. É precisamente a Macau que se refere uma das maiores revelações deste livro. Pela primeira vez, Carlos Melancia, que entrevistei duas vezes, fala abertamente sobre o «escândalo do *fax*», em que foi acusado – e depois ilibado – de ter recebido 50 mil contos [hoje seriam quase 600 mil euros] de uma empresa alemã como contrapartida de um favorecimento no processo de construção do aeroporto de Macau. Entre outras coisas, Melancia acusa Mário Soares – que na altura era Presidente da República e que tentou criar um império de comunicação social que se estendia ao território – de o ter traído. E garante que o que aconteceu em Macau está directamente relacionado com a atribuição das licenças para canais privados de televisão operarem em Portugal.

Em 2013, Jorge Coelho surpreendeu-me com a revelação do seu abandono da liderança executiva da Mota-Engil, onde entrara como um pára-quedista, olhado de lado pelos gestores profissionais e arrastado por jornalistas e comentadores, que ao longo dos cinco anos em que permaneceu no cargo nunca lhe deram descanso, umas vezes com toda a razão, outras de forma infundada, como se veio a provar.

Com o seu trabalho, tornou-se consensual a ideia de que há uma Mota-Engil antes de Jorge Coelho e outra depois dele, muito mais internacional, com uma gama de serviços alargada e com a transição geracional garantida. Daí o espanto provocado pela saída, que ele me

justificou pessoalmente com o cansaço acumulado pelas intermináveis viagens intercontinentais a que era obrigado e com a vontade de estar mais próximo da família, entretanto alargada com a chegada de dois netos. A justificação parece aceitável, mas claramente insuficiente. Aos 59 anos – faz 60 no próximo dia 17 de Julho – Jorge Coelho está longe de se reformar. Dos negócios e da política.

No campo empresarial, fundou a consultora Horizonte. A partir de um pequeno escritório situado numa das torres das Amoreiras, de telefone na mão, o agora empresário continua a influenciar e a distribuir poder. A sua especialidade são os processos de internacionalização de empresas nacionais, sobretudo para mercados como Angola, Moçambique, China e América Latina. Através dos seus contactos privilegiados, o socialista constrói pontes e gera negócios. No fundo, faz o que sempre fez, com a paciência e discrição refinadas pela sua passagem por Macau, onde os chineses lhe ensinaram duas regras negociais que até hoje respeita: nunca se deve fechar completamente uma porta e todas as partes têm de ganhar qualquer coisa.

Também quando poucos esperavam, Jorge Coelho voltou, com grande destaque, à vida política. Foi uma das figuras das eleições europeias, surgindo uma vez mais ao lado de um líder do PS. Guterres, Ferro e Sócrates nunca abdicaram da sua influência e capacidade de mobilização. Seguro segue-lhes os passos. O secretário-geral socialista sabe que ter Jorge Coelho ao seu lado é fundamental por muitos motivos, dos quais o mais importante é o facto de a sua presença afugentar aqueles que, como António Costa, espreitam a oportunidade para fazer um assalto ao poder comparável ao que, há muitos anos, António Guterres organizou contra Jorge Sampaio, com a cumplicidade activa de Jorge Coelho.

Mas será o apoio desinteressado a António José Seguro a única explicação para este súbito *comeback*? Ou acreditará Jorge Coelho que, passados tantos anos, ainda tem mais para dar à política? A resposta mais óbvia é a primeira. Afinal, já foi quase tudo o que se pode ser em política. Chefe de gabinete. Líder do aparelho. Deputado. Ministro. Membro do Conselho de Estado. Quase tudo. Quase. Para terminar uma carreira pública de cerca de 30 anos – com um interregno de apenas cinco – falta-lhe ocupar um dos três cargos mais apetecíveis na hierarquia do Estado: presidência da República, presidência da

Assembleia da República e chefia do Governo. O primeiro vaga em 2016, os restantes já em 2015. Neste momento já não subsistem dúvidas de que Coelho quer que Seguro seja o próximo primeiro-ministro. António Costa, por seu lado, parece ser o socialista melhor colocado para representar a esquerda nas presidenciais caso António Guterres se coloque definitivamente de fora da corrida. Resta-lhe, portanto, a presidência do Parlamento. Impossível? Talvez. Jorge Coelho, que nunca apreciou especialmente a vida parlamentar, está satisfeito com a sua vida actual, feita entre a consultadoria e os investimentos que fez em Contenças, a sua terra, onde produz azeite e planeia fazer uma unidade industrial. Mas se Cristo já provou noutros partidos e com outras figuras que pode descer à Terra, será assim tão disparatado imaginar que o mesmo pode acontecer com o PS e com o seu militante mais popular – e mais polémico – das últimas décadas?

Lisboa, Maio de 2014

PRÓLOGO

Os gritos de pânico atravessam os corredores: «Jorge! Jorge! Socorro!» Jorginho, o mais pequeno dos dois Jorges da casa, acorda abruptamente e corre, assustado, em direcção aos sons de aflicção. Quando chega à casa de banho, vê o pai estendido no chão. Está inanimado, com a cabeça apoiada nos braços da mãe, Rosa, de 33 anos. Não está morto – ainda. Entre lágrimas de desespero, Rosa agarra no telefone e chama um médico. Os minutos parecem séculos. Não há como evitá-lo: Jorge não vai resistir. O Dr. Lopes bate finalmente à porta. Corre para o corpo e percebe imediatamente que se trata de um caso quase perdido. Não desiste, ainda assim: saca de uma seringa e aplica energeticamente uma injeção de adrenalina na zona do coração. Mais uns segundos de espera. A tensão corta o ar. Nada. Aos 37 anos Jorge morre de ataque cardíaco fulminante. São 7h30 da madrugada de 23 de Outubro de 1961. Com apenas seis anos de idade, Jorginho acaba de viver o episódio que lhe mudará a vida.¹

CAPÍTULO I

A NOVA MASCOTE

A gravidez fora turbulenta. Quando deu entrada na maternidade do Hospital de Viseu para dar à luz, Rosa, uma jovem de 26 anos, temia pela saúde do bebé. Para alívio de toda a família, Jorge Paulo Sacadura Almeida Coelho nasceu sem problemas naquele dia 17 de Julho de 1954. Sá Correia, o responsável pelo parto, não se recorda especialmente do momento – o que é bom: «É sinal de que não foi um desastre.»¹

Só muitos anos depois, já a criança se tinha tornado num homem poderoso, descobriu que tinha sido ele a trazê-la ao mundo. Foi o próprio Jorge Coelho que lho disse. Ainda hoje, sempre que o encontra, faz questão de gritar para quem quiser ouvir: «Olha o meu parteiro!» Não se trata de um parteiro qualquer: ironia das ironias, Sá Correia é tio do homem que assinou na imprensa o texto mais arrasador de sempre para Jorge Coelho: Henrique Monteiro, na altura director do *Expresso*.

A notícia do nascimento de Jorge Coelho – uma criança oriunda da pequena burguesia de Mangualde – passou, naturalmente, ao lado da imprensa da época, mais entretida com outras figuras e assuntos. No dia 17 de Julho, os grandes destaques do *Diário Popular* – um dos maiores jornais de então – eram os protestos em Saigão a propósito de uma eventual divisão do Vietname e a história de um rapazinho da Asseiceira – uma aldeia situada nos arredores de Rio Maior – que garantia ter visto Nossa Senhora. O feito de Carlos Alberto da Silva Delgado, de 11 anos, entusiasmou de tal modo os indígenas que cerca

de 20 mil pessoas se deslocaram à região para tomar contacto com o fenómeno infantil.

Num país em que a moral católica era lei, as agressões à ordem eram notícia permanente. Só por isso se compreende outro dos grandes destaques do dia: a condenação a 30 anos de prisão de uma criada que insidiosamente envenenara o patrão, António Cerdeira, depois de este ter cometido a imprudência de fazer um testamento em que a elegeu como sua herdeira universal. Juntamente com ele morreu a sua mãe, com quem vivia. «Há cerca de dois meses, o Cerdeira e a mãe adoeceram subitamente e morreram no espaço de 24 horas. As mortes tornaram-se suspeitas ao delegado do Ministério Público desta comarca, o Sr. Dr. Jorge de Vasconcelos, o qual, depois de várias diligências, apurou ter a Hermínia envenenado os patrões», pode ler-se na notícia publicada sobre o assunto.

A ditadura de António de Oliveira Salazar impunha fortíssimas restrições à liberdade de expressão, mas não à liberdade de diversão. Em Lisboa, as casas de espectáculos estavam permanentemente esgotadas. No dia em que Jorge Coelho nasceu, o Máxime – apresentado como um «salão de *music-hall*» para maiores de 18 anos – oferecia um sedutor leque de opções aos adeptos do *bas fond*, que podiam escolher entre Julia Molina, «a extraordinária bailarina»; Sara de Liz, «a formosa vedeta frívola»; Las Gerezanas, «a parelha de baile»; e Teresita de Madrid, «em canções frívolas».²

Noutro plano, também o Casino Estoril fazia furor – principalmente entre as classes mais abastadas. Para o dia 17 de Julho estava marcada uma «noite elegante», em que o ponto alto seria a actuação da «grande vedeta americana Linda White e os seus *boys*». Preço da entrada: 20\$00 escudos [hoje seriam cerca de 5,3 euros]³, mais 19\$60 do que custava o exemplar do *Diário do Governo* desse dia. E mais 12\$50 do que um frasco de Nivea, o creme que fazia com que «o sangue regue a pele com toda a intensidade, adquirindo uma lisura e flexibilidade maravilhosas».⁴

Bem longe do elitismo das noites plenas de *pedigree* do Estoril, o novo bebé tornou-se rapidamente na mascote da família. Fora uma criança muito desejada. A sua irmã, Maria Teresa – Teresinha –, cinco anos mais velha, confirma-o: «O facto de ter nascido um rapaz foi uma epopeia.



Com os pais e a irmã, quando era um recém-nascido.

Nessa altura não sabíamos o sexo antecipadamente, o que ampliou ainda mais a nossa excitação com tudo aquilo. Eu própria estava tão ansiosa que habitualmente me divertia a brincar com um irmão imaginário.»⁵ O entusiasmo foi de tal modo grande que logo ali no hospital foi tomada uma decisão inesperada: afinal o bebé não iria chamar-se João, como

estava previsto – o seu nome seria Jorge, por ser muito parecido com o pai. Este rejubilou com a comparação – e com a resolução.

O senhor regedor

Da maternidade, Jorginho – como passou a ser carinhosamente tratado – foi directamente para Contenças, a pequena aldeia do concelho de Mangualde onde a sua família era a mais prestigiada. O avô, Raúl Abrantes Coelho, era uma figura referencial da região. Umbilicalmente ligado ao regime de Salazar, desempenhava as funções de regedor – era ele, por exemplo, que dirimia com mão de ferro os conflitos entre os habitantes. Se havia uma guerra de terras ou de regas, era Raúl que decidia quem tinha razão. Até nas discussões entre casais interferia. A sua vontade era lei em Contenças. Ninguém pestanejava.



Jorginho e Teresinha: a proximidade entre os irmãos começou a construir-se na infância.

A proximidade que tinha à União Nacional era manifesta. Em época de eleições, era a sua camioneta que passava por diversas povoações com o objectivo de transportar votantes no regime. Tiago Sequeira Santos, o condutor do veículo, recorda: «Íamos aos povos todos carregar

aqueles velhotes e tal para irem votar, mas aquele voto já estava feito. Os que sabiam ler, votavam, os que não sabiam já estavam ensinados: “Olhe que é no 1.º ou 2.º ou 3.º...”»⁶

Raúl tinha peculiaridades surpreendentes para a época. Jorge Coelho narra uma delas: «Afrontando os pais, ele distribuía cigarros pelas minhas primas à frente de toda a gente. Dizia-lhes: “Se vocês fumam lá fora, por que é que não fumam aqui dentro de casa?”» Outra: quando algum amigo mais novo morria, nunca cedia ao estereótipo de desabaçar: «A seguir sou eu.» Era cortante: «Quem tem pressa vai andando.»⁷

Casado em segundas núpcias com Aurora, a irmã da sua mulher, Isaura, que morreu vítima de um Acidente Vascular Cerebral, Raúl vivia numa casa espaçosa, situada a cerca de 100 metros da de Jorginho. Era nela que a criancada se divertia a andar de baloiço ou a jogar às escondidas. O patriarca adorava as coisas boas da vida: comer (o seu aspecto robusto denunciava-o), viajar e assistir a touradas.

Juntamente com o pai de Jorginho, Raúl tinha um negócio próspero de distribuição. Revendia um pouco de tudo, desde materiais de construção – cimento, telhas, cal, tijolo... – a produtos alimentares como queijos da serra e frutos secos. A sua clientela estendia-se um pouco por toda a Beira Alta. E fornecia grandes empresas, como a Jerónimo Martins – estaria longe de imaginar que o seu neto viria a ser amigo do presidente da empresa e que a sua bisneta lá faria carreira –, que lhe adquiria material para posteriormente exportar.

Tal como em qualquer família da pequena burguesia de então, as mulheres não trabalhavam. A mãe de Jorginho não era exceção. Rosa não tinha estudado – fora educada para casar. E casou bem. Em casa, pouco ou nada era obrigada a fazer – a família sempre teve empregadas que cozinhavam e ajudavam a tratar das tarefas domésticas. Havia algum requinte na família Coelho: quando tinham visitas, as empregadas serviam à mesa de farda preta com avental branco. Foram muitas ao longo do tempo, uma vez que normalmente só ficavam até casarem. Nem nas férias a família prescindia delas. Uma vez por ano, durante um mês, lá iam, fardadas – mas agora de amarelo às riscas –, para a Figueira da Foz, onde a tradição de alugar uma casa só foi interrompida depois da morte do pai de Jorginho, que em vida raramente passava lá todo o período de descanso. Habitualmente ia lá ter, no seu *Cadillac* em segunda mão, aos fins-de-semana, uma vez que tinha de ficar a tomar conta do negócio.



Era na Figueira que Raúl Coelho assistia a touradas. Delirava com as habilidades de nomes como João Branco Núncio ou o Mestre Baptista. Ao lado dele, o suspeito do costume: Jorginho, impecavelmente vestido, acompanhava-o quase sempre, nos intervalos entre as idas diárias à praia e ao cinema – tudo actividades que em Contenças, por motivos óbvios, lhe estavam vedadas.

Trabalhos forçados

Na aldeia, Jorginho era um menino diferente. O estatuto do avô garantia-lhe privilégios especiais. Um exemplo: era o único a quem toda a gente tratava por «você». Outro: foi o primeiro a ter bicicleta. Outro ainda: foi o primeiro dos seus amigos da escola primária a ter televisão em casa. Apesar das diferenças evidentes, sempre se misturou pacificamente com as restantes crianças da sua idade.

Na escola primária, embora não fosse brilhante, era um bom aluno. Dona Virgínia, a sua professora de então, confirma-o: «Não era o melhor da turma, mas cumpria com as suas tarefas. Era um rapaz discreto e bem comportado.»⁸ Virgínia era uma professora à antiga – dura e exigente. Muito pálida e de estatura pequena, obrigava as crianças a saber a tabuada de cor. E os mapas. E os rios. E tudo o resto. Vítor Costa, colega de turma de então, é menos simpático sobre os méritos académicos de Jorginho: «Era mau aluno, principalmente em matemática, em que era um desastre. Aliás, à conta dele cheguei a levar porrada. Ele não sabia a tabuada e um dia pediu-me para lhe fazer os deveres. Eu, que gostava dele e era muito melhor aluno, claro que o ajudei. A professora reconheceu a minha letra e chamou-me logo: “Anda cá que hoje vais levar”. E levei.» Ficou-lhe de emenda: nunca mais prestou «consultadoria» a Jorginho. Que passou ao lado da indignação da professora: «Ele tinha alguns privilégios...»⁹ O visado nega: «Isso é ridículo e só pode resultar de um grave problema de memória. Eu era óptimo aluno e ele infelizmente não, tanto que ele só fez a 4.^a classe e eu sou formado em gestão de empresas.»¹⁰

Passados muitos anos, Jorge Coelho tem boas recordações da Dona Virgínia. É, seguramente, um dos poucos que nunca sentiram o peso da sua fúria. Quando se irritava, conta Vítor Costa, «até se punha